

Analisando o livro de registros de associados do *Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA)*, fundado em 23 de fevereiro de 1941, tendo como idealizador e um dos fundadores, o Mestre Pastinha, verifiquei dados que auxiliam nas reflexões acerca da participação da mulher na história da capoeira baiana.

No CECA, dentre os 418 associados no período compreendido entre 1941 a 1970, onde eram anotados, nome completo, data de nascimento, naturalidade, filiação, categoria em capoeira, data de admissão, endereço residencial e fotografia. Observei na totalidade dos associados, o registro nº 113 que é de uma mulher, sendo esta a 1ª, o interessante é que seus dados pessoais são omitidos, contendo apenas seu retrato e número, esta se integrou por volta dos anos 60.

Posteriormente, tem o registro de nº 342 de Maria de Lourdes Barbosa, cujos dados são revelados, consta sua admissão em 2 de julho de 1968, profissão comerciaria, por fim, o registro nº 380 de Arbênia Soares Rezende, comerciaria, admitida em 11 de julho de 1969.

Então, do total de 418 associados do CECA, 415 são homens e três são mulheres, o que pelos valores da época, estas foram exceções num ambiente predominantemente masculino.



Figura 55. Dona Odete, ex-aluna de Mestre Pastinha, num tempo em que mulher que quisesse treinar, tomar aula de capoeira, era separado dos homens, devido os valores sociais da época. Seu apelido "Pimentinha". Arquivo: Amélia Conrado

O Mestre Canjiquinha, Washington Bueno da Silva, no seu livro *Canjiquinha, alegria da Capoeira* (1989), traz memórias sobre sua vida na capoeira e em capítulo, se referiu as “retadas”³⁴ contando que:

[...] Maria doze homens, assim chamada, porque brigou com 12 homens (doze soldados de polícia), na Baixa dos Sapateiros. Morava na Saúde. Maria Avestruz, morava na Boca do Rio. Palmeirão, matou Pedro Porreta (capoeirista valentão). Morava na rua Vinte e Oito de Setembro. (CANJIQUINHA, 1989, p. 29)

Além dele identificar algumas “retadas”, relata seu casamento com dona Ivone, ele aos 25 anos de idade e ela com 14, narrando como esta aprendeu a arte:

[...] ensinei capoeira a ela quando já tinha o 1º filho, Janduir, eu já estava ensinando em Cosme de Farias, dentro da minha casa onde ensinei a Brasília, Manoel..., e a muitos alunos. Então ela viu e disse: Canjiquinha eu vou aprender. Comecei a ensinar a ela e a Janduir. Aí, ela foi aprendendo e lá vai, lá vai, lá vai, e muitas vezes ela me ensinou, (porque eu ficava na repartição até 8 horas da noite e ela ficava ali, treinando todo o dia. Manoel tentava derrubar Ivone e não conseguia. Depois do 1º e 2º filho ela não pode mais treinar. (SILVA, 1989, p.88-89).

No ano de 2004, em evento comemorativo da Associação de Capoeira Angola 1º de Maio, entidade dirigida pelo Mestre Virgílio, foi lançada *A Cartilha do Mestre Virgílio* (2004), que traz uma síntese sobre sua origem, a resistência com a capoeira no bairro da Fazenda Grande do Retiro, dos alunos e discípulos que formou e dão continuidade a seu trabalho, dentre alguns, Mestre Wildes (seu filho), Mestre Sassá, professor Já Morreu, professor Crispim, professor Bibio, professor Pequeno, Nenga, mestre Edielson, porém, ressalta:

[...] a capoeira de Virgílio, já teve e ainda tem mulheres participando como: Ana Maria, Joelma, Juliana, Linda, Luciana, Lucimar, Mara, Rosa, Sandra.... [...] as mulheres citadas na capoeira da escola 1º de maio, assim como todas as mulheres inseridas na cultura da capoeira merecem e estão de parabéns!!! A mulher na capoeira mostra a capacidade de exigir o que ela pertence que é a liberdade e a dignidade.[...] A mulher é assim: tem visão afinada, é intuitiva e iluminada. Que haja mais mulheres na Capoeira! (VIRGÍLIO E UILDES, 2004, p. 8-10).

³⁴ A expressão “retada”, popularmente, vem de “arretada”, mulher forte, impositiva, pode significar também, aquela que excita, aflora desejo sexual.

Escolas como a de Mestre Virgílio, estão situadas em bairros de Salvador com todos os problemas sociais e econômicos que a periferia enfrenta e nisso, as escolas públicas são co-partícipes e geralmente, as acolhem dando lugar às suas sedes. O trabalho de capoeira desenvolvido aí serve como uma representação daquela localidade, bem como, o nome daquele mestre, personalidade que expande conhecimentos para pessoas e para muitos lugares, o que torna a capoeira um instrumento de ancoragem para despertar interesse e estima na comunidade.

Sobre este mestre, é importante saber que, segue a herança de seu pai, pois, dentre as profissões de sua habilidade, ferreiro, carpinteiro, encanador, serralheiro, eletricitista, a de capoeirista, lhe deu fama e tornou-o *mestre*. Na sua descendência familiar está, sua mãe Edite Isabel dos Santos e Elísio Maximiliano Ferreira, o *Mestre Espinho Remoso*, nome que está na história da capoeira baiana e que, necessita ser levantado estudos para ressaltar a passagem deste e de outros em seu mundo de capoeira.

Acho pertinente registrar que em 2000, concorri à seleção do doutorado em educação na FACED-UFBA com o projeto "A invisibilidade da mulher no processo histórico da capoeira na Bahia". Mesmo não sendo aprovada neste ano no referido curso, a proposta de estudo passou a ser apresentada por mim e solicitada para debates em diversos grupos de capoeira em Salvador, o que, pessoalmente e coletivamente representou uma vitória ter suscitado na comunidade, o debate da questão, permitindo surgir novas contribuições, também, o reconhecimento de mestres da ausência de memória em relação à participação das mulheres no desenvolvimento desta cultura na Bahia e que consideram importante na atualidade, evidenciar atenção à problemática das relações de gênero, o que arremato nestas linhas com elementos para se prosseguir com a discussão.



Figura 56. Nas cantigas de capoeira, destaca-se aspectos da vida das mulheres, o amor, o trabalho, a maternidade, como mostra o canto, "quando meu filho nascer, vou perguntar pra parteira, o que é que meu filho vai ser, ele vai ser capoeira...". Amélia aos seis meses de gravidez, jogando com sua colega de grupo. Em janeiro de 2002.

Já venho falando que depoimento de angoleiro é algo difícil; primeiro, porque, está nos princípios da malícia desconfiar até da própria sombra, quanto mais das pessoas, então, o que estou revelando através deste trabalho é resultante de uma confiança depositada, de um compromisso firmado entre nós, pelo crescimento e divulgação dos valores da *Capoeira Angola* para a sociedade; por isso, trago o pensamento e história de uma mulher no mundo da capoeira, a Jararaca, primeira mestra angoleira da Bahia.

Seu nome é Valdelice Santos de Jesus, natural de Salvador, profissão capoeirista, estudou na escola regular até o primeiro ano do ensino médio, interrompendo para criar seus filhos, José Carlos e Luís Carlos, e agora pensa em continuar porque eles já estão crescidos.

Mestra Jararaca atua de segunda à sexta-feira na ECAIG, da manhã à noite, cuidando da manutenção e limpeza do espaço físico, trabalha na administração, é a vice-presidente da Instituição. Atende visitantes, telefonemas, recebe qualquer correspondência endereçada à escola, tomando conhecimento e passando a informação para Mestre Curió através da leitura dos mesmos; treina na

turma noturna, divide com ele o trabalho de ensino nas turmas de projetos e da escola.

Aproveitando uma reunião da diretoria da escola marcada extraordinariamente, saí com o gravador de casa para arriscar seu depoimento. Nesse dia, íamos resolver a adaptação do espaço da escola para instalar uma biblioteca, estúdio de gravação de música, escritório administrativo e cozinha. Após terminar uma aula com crianças da Escola Municipal Vivaldo Costa Lima, nas dependências da ECAIG, encontrava-se fardada e descansando no escritório; perguntei se poderia ser este o momento de me responder algumas questões, ela pediu para ver o que eu tinha preparado; após ler e analisar, disse: está bem, vamos fazer.

A postura corporal de Jararaca não era de disposição para falar, estava bem relaxada na cadeira. No momento em que começamos, seus dois filhos, José Carlos de 10 anos, estudante e capoeirista desde a barriga, e Luís Carlos de seis anos, estudante e capoeirista desde a barriga, sentaram-se ao lado com muita atenção, ouvindo o que a mãe falava e cuidavam para que nada interrompesse a gravação. Para mim, foi uma surpresa a maneira como duas crianças se interessaram em acompanhar o que estávamos fazendo, a atenção com o que a mãe falava, acho que para eles se passava como algo importante.

Iniciando, pedi que a mestra fizesse um breve relato sobre sua origem familiar, ela começa pelo pai e pela mãe que era lavadeira, e disse: "sou filha de lavadeira, com doqueiro, meu pai também descarregava caminhão, trabalhava na feira", segue dizendo que tem oito irmãos, com ela, nove; destes, uma irmã é falecida, são três homens e seis mulheres, todos maiores de idade; dos nove, só duas são capoeiristas, ela e Ritinha, ou seja, Rita de Cássia Santos de Jesus, que é mais velha na capoeira.

Diz que vem de uma família paupérrima, que sua casa não tinha luz nem fogão; se cozinhava com lenha e carvão, usava-se candeeiro, conta-me que nasceu no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, cuja casa, foi a mesma que se criou e nunca saiu desse lugar.

Aos onze anos, já ajudava a mãe, porque esta não podia dar uma roupa nova nem sapato, inclusive, a menina Valdelice nem estudava, o que veio acontecer somente aos 14 anos. Detalha as atividades que desempenhava quando menina:

